

Os diferentes olhares historiográficos sobre Luiz Antônio de Assis Brasil

Cibele Hechel Colares da Costa

Mestranda em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande

cibele_colares@yahoo.com.br

Resumo: Luiz Antônio de Assis Brasil é um dos destacados escritores da literatura sul-rio-grandense contemporânea, com uma constante produção literária desde que iniciou sua carreira com a obra *Um quarto de légua em quadro*, em 1976. O objetivo deste trabalho é apontar o lugar que este autor ocupa dentro de algumas histórias literárias, produzidas tanto no âmbito regional, quanto no âmbito nacional. Esse é um estudo preliminar, que se intenciona ampliar com a inclusão de outras histórias literárias que não fazem parte desse recorte inicial. A princípio, a pesquisa voltou-se para algumas histórias literárias brasileiras, como a de Alfredo Bosi, *a História concisa da literatura brasileira* (1994), e para algumas de escritores sul-rio-grandenses, como a de Regina Zilberman, *A literatura no Rio Grande do Sul* (1982). Após a leitura das histórias literárias, procura-se situar a presença do escritor Assis Brasil, o espaço por ele ocupado, a forma de apresentação do autor, entre outros aspectos relevantes para a análise, procurando ainda perceber a possibilidade de existência de diferenças nas abordagens entre historiadores regionais e nacionais.

Palavras-chave: Literatura sul-rio-grandense. História da Literatura. Luiz Antônio de Assis Brasil

O presente estudo busca apontar, através de um levantamento inicial, os diferentes lugares que o romancista Luiz Antônio de Assis Brasil ocupa em algumas histórias literárias. Essa busca foi realizada em histórias literárias que podem ser divididas em três tipos: inicialmente, uma escrita por estudiosa estrangeira, Luciana Stegagno Picchio; em seguida, as histórias literárias escritas por historiadores brasileiros; e, por fim, as escritas por estudiosos sul-rio-grandenses.

Este romancista é de grande relevância para a literatura sul-rio-grandense, visto que é um dos maiores intelectuais do Rio Grande do Sul dada a sua ampla participação na vida cultural do estado, como na atividade, atual, de Secretário de Cultura do RS, sendo que anteriormente ele teve o cargo de Diretor do Instituto Estadual do Livro. Também é professor universitário na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e mantém, desde 1985, uma Oficina de Criação Literária. Todas essas atividades foram (algumas ainda são) exercidas em concomitância com a produção de seus romances, fato que mostra o vigor intelectual de Assis Brasil.

Histórias literárias: um olhar estrangeiro sobre Assis Brasil

Luciana Stegagno Picchio é uma destacada historiadora da literatura brasileira. Embora ela seja italiana e tenha permanecido, ao longo de sua vida, em seu país, interessou-se em pesquisar e historiar a literatura brasileira, tendo feito isso em sua obra *História da literatura brasileira* (1997). Sua relevância para

este estudo dá-se pelo fato de tratar-se de *uma escritora distante do contexto de produção do romancista sul-rio-grandense*, mas que escreveu sobre a literatura brasileira; tendo um olhar estrangeiro sobre a literatura desenvolvida no Brasil, é assim preciso perceber qual lugar esta intelectual delega a Assis Brasil em seu cânone, levando em consideração o ano de publicação de sua obra, 1997 - neste período o romancista gaúcho já havia publicado um número bastante significativo de obras literárias, inclusive algumas fora do país.

Picchio (1997) coloca Assis Brasil em seu décimo sexto capítulo, intitulado “1964-1996: Dos anos do golpe ao fim do século” e no subcapítulo “Ideologias, antropologias ecológicas. A narrativa dos nascidos nos anos de trinta a sessenta”. No começo deste capítulo, a historiadora assume que pode esquecer de algum nome e diz que, enquanto historiadora estrangeira, se vale do critério da notoriedade para esta escrita, por isso, embora o espaço que deixa para Assis Brasil seja pequeno e ao lado de escritores sem grande projeção na literatura brasileira, ainda assim o nome dele é de bastante relevância, pois está entre os escritores brasileiros lembrados por uma historiadora da literatura estrangeira. Ela o cita em uma lista ao final do capítulo, juntamente com escritores como José Agripino de Paula, Jô Soares e Rodrigo Lacerda, bem como mais alguns nomes gaúchos, de José Clemente Pozenato, Tabajara Ruas, Sérgio Faraco e Charles Kiefer. Picchio refere-se aos escritores como “representantes da vitalidade da prosa de ficção no Brasil contemporâneo” (1997,

p.647), mostrando a relevância destes escritores para a literatura brasileira.

Histórias literárias: um olhar nacional sobre Assis Brasil

O romancista gaúcho Luiz Antônio de Assis Brasil está presente em muitas histórias literárias escritas por autores nacionais, este fato é importante na medida em que ser mencionado nestas obras afirma sua importância dentro da literatura brasileira e, conseqüentemente, contribui para sua inserção no cânone dos romancistas nacionais. Alguns historiadores literários incluem Assis Brasil no seu cânone ao construir suas histórias da literatura sob uma perspectiva nacional. Dentre os autores que foram consultados estão Alfredo Bosi, Marisa Lajolo, Massaud Moises e Antônio Esteves.

A começar pela obra de Massaud Moisés (1993), *História da Literatura Brasileira*, o romancista gaúcho é apresentado no “v.5 - Modernismo” e, neste volume, Assis Brasil aparece no capítulo “IV. Terceiro momento modernista (1945- Atualidade)” e, dentro deste, no subcapítulo “Atualidade”, no qual o romancista está ao lado de autores canônicos da literatura brasileira, como Armindo Trevisan, Ariano Suassuna, João Ubaldo Ribeiro, Silviano Santiago e os também gaúchos Josué Guimarães e João Gilberto Noll.

Moisés (1993) refere-se a Assis Brasil como sucessor de Erico Verissimo, comparação que se repetirá em outras histórias literárias. Em geral, essa comparação se dá pelo fato de ambos escreverem obras literárias buscando nos documentos históricos

fonte para suas ficções e, também, pelo grande número de obras literárias publicadas, pois Veríssimo deixou um amplo legado à literatura e Assis Brasil já publicou um grande número de romances e ainda está em constante produção. Sobre a questão da pesquisa em documentos históricos, Moisés aponta para esta característica da obra de Assis Brasil, e também cita o nome de todas as obras escritas por ele e que haviam sido publicadas até o momento da escrita da história literária em questão.

O gaúcho LUIZ ANTÔNIO DE ASSIS BRASIL (1945) tem escrito romances, com uma pulsão inventiva que logo lhe impôs o nome ao público leitor e à crítica. Sucessor de um certo Érico Veríssimo, seus livros publicados até o momento (*Um Quarto de Léguas em Quadro*, 1976; *A Prole do Corvo*, 1978; *Bacia das Almas*, 1981; *Manhã Transfigurada*, 1982; *As Virtudes da Casa*, 1985; *O Homem Amoroso*, 1987; *Cães da Província*, 1987) mostram um percurso que começa com o projeto de, fundindo arte literária e documento histórico, reconstruir episódios significativos do passado no seu estado natal (as três primeiras narrativas compõem a Triologiadados Mitos Rio-Grandenses) e progride no rumo da sondagem nos interstícios da alma humana -o jogo da paixão e demência, “aventura e risco”, pecado e morte - , mas tendo ainda o Rio Grande do Sul como cenário. *Cães da Província*, em torno de Qorpo Santo, serviu-lhe como tese de doutoramento. (MOISÉS, 1993, p.536)

Há referência ainda ao romance *Cães da Província* (1987) que, conforme Moisés aponta, foi a tese de doutorado do romancista sul-rio-grandense. Este romance tem como personagem central Qorpo-Santo, nesta obra ficcionalizado pelo romancista, sendo que ele foi um teatrólogo que viveu em Porto Alegre no

I Seminário de Estudos Literários *Pelotas: da formação à contemporaneidade* ISSN 2359-2478 | 310

século XIX. Grande parte dos historiadores e críticos literários pesquisados, tal como Moisés, destacam esta obra como uma das mais importantes de Assis Brasil.

Na *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi, pode-se observar a breve menção ao nome de Assis Brasil que acontece no capítulo “VIII Tendências contemporâneas”, nos subcapítulos “Permanência e transformação do regionalismo” e “A ficção entre os anos 70 e 90: alguns pontos de referência”. Neste primeiro subcapítulo, Bosi (1994) refere-se aos autores contemporâneos que continuam produzindo obras literárias que podem ser vistas como regionais, garantindo assim a permanência desta temática dentre os romances brasileiros, e, ao mesmo tempo, apresentando transformações por conta da renovação de autores, entre eles Assis Brasil:

O Extremo-Sul, que já dispunha de uma tradição cultural regionalista bem estruturada manteve-a com Darci Azambuja (*No galpão*, 1951), Viana Moog (*Um Rio limita o Reno*, 1939) e Guilhermino César (*Sul*, 1939), e, na linha do romance de intenção participante, Ciro Martins (*Porteira Fechada*, 1944) e Ivã [sic] Pedro Martins (*Fronteira Agreste*, 1944). De Santa Catarina é Guido Wilmar Sassi, autor de *Amigo Velho* e *São Miguel* (1962). Do gaúcho Luís Antônio de Assis Brasil é o excelente romance histórico *Um Quarto de Légua em Quadro*, de 1976. (BOSI, 1994, p.427)

A obra referida por Bosi trata-se do primeiro romance publicado de Assis Brasil e a crítica, embora breve, é positiva, visto que o historiador refere-se à obra como um “excelente

romance histórico”. Assim como Lajolo (2004), Bosi comete um equívoco ao mencionar o nome do autor, sendo que a grafia está como *Luís Antônio de Assis Brasil*, exclusivamente na citação feita acima.

No subcapítulo “A ficção entre os anos 70 e 90: alguns pontos de referência”, Bosi faz referência a romancistas das décadas de 1970, 1980 e 1990, independente do tipo de romance que escreviam, considerando estes como pontos de referência dentro da ficção brasileira, entre eles estão João Ubaldo Ribeiro, Moacyr Scliar, Josué Guimarães, Sinval Medina, Tabajara Ruas, Nélida Piñon e Luiz Antônio de Assis Brasil, com destaque para o grande número de escritores gaúchos ao lado de importantes nomes do cânone nacional.

Na obra *Como e por que ler o romance brasileiro*, de Marisa Lajolo, publicado em 2004, se pode observar uma breve menção a Assis Brasil no capítulo de abertura, o qual tem o nome do próprio livro, “Como e por que ler o romance brasileiro”. Destaca-se o equívoco na grafia do nome do escritor que ao invés de Luiz Antônio de Assis Brasil, está grafado por Lajolo (2004) como *Luís Antonio de Assis Brasil*. A historiadora afirma que Assis Brasil é seu “escritor-de-fé” e faz referência à obra *A Margem Imóvel do Rio* (2003). No capítulo inicial de sua obra, Lajolo fala de sua história de leitora, por isso é de grande importância a citação que ela faz a Assis Brasil, colocando-o junto às suas preferências pessoais enquanto leitora do romance brasileiro.

Mesmo tratando-se de um capítulo no qual Lajolo fala sobre suas preferências pessoais de leitura, ela desenvolve um breve exercício crítico da obra de Assis Brasil, além de incluí-lo entre seus escritores favoritos:

Nesta obra, o enredo tem como protagonista um pacato e meio melancólico historiador, obrigado a refazer o trajeto de uma viagem na qual acompanhara o imperador ao Sul do país. Precisa tirar a limpo se o imperador prometera ou não um título nobiliárquico a Francisco da Silva, um estancieiro de Serra Grande. Descobre, no caminho que retrança, que são muitos os Franciscos da Silva e muitas as Serras Grandes. Nunca equação simples, muitas incógnitas.

Beleza! A tradicional falta de certezas do leitor se transfere para o protagonista. Assim como nós - *pobres-leitores-me-engana-que-eu-gosto* -, a personagem-historiador também ganha uma pulga atrás da orelha: ele pode ou não pode confiar no que dizem os papéis? E nós? Que diferença há entre os papéis que são *história de romance* e os que são só (!) *história*? É por esse fio de navalha entre o verdadeiro e o verossímil que Luís Antonio de Assis Brasil me leva. O que não é nada pouco nem trivial! (LAJOLO, 2004, p.22-23)

Lajolo, com uma linguagem leve, apresenta importantes características da obra *A margem imóvel do rio*, apontando, principalmente, para as relações entre verdadeiro e verossímil (“um fio de navalha”, como a autora se refere) e como o autor as trabalha de forma peculiar na obra, aliás, como em grande parte de sua produção literária.

Antônio Roberto Esteves, o professor e pesquisador da UNESP, é um estudioso do romance histórico. Em 2010, ele publica

O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000), obra na qual ele faz uma apresentação de romances publicados no período de 1975 a 2000 que se caracterizem como romances históricos, sendo apontados apenas os produzidos no Brasil.

Esteves (2010) dá ênfase às obras de Assis Brasil, tanto ao longo da obra quanto nos anexos. No capítulo 3, “O romance histórico conta a história da literatura brasileira”, ele faz uma análise crítica da obra *Cães da província* (1987), conforme já apontado, uma das obras mais referenciadas de Assis Brasil dentro das histórias literárias. Para realizar esta análise, ele abre um subcapítulo, “Diluindo o cânone desde as margens (o Qorpo Santo de Luiz Antônio de Assis Brasil)”, e ao apontar os principais elementos que Assis Brasil utiliza-se para a sua construção narrativa, destaca:

O teatro, o romance policial, os diálogos socráticos, os textos científicos, os relatórios policiais e as crônicas de viagem ou jornalísticas são os principais gêneros parodiados pelo autor para montar sua narrativa, perfeito exemplo daquilo que Linda Hutcheon (1991) chama de “metaficção historiográfica”. (ESTEVES, 2010, p.148)

O autor atenta para o fato de tal obra ter sido a tese de doutorado de Assis Brasil na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), afirmando que “o crítico Assis Brasil, juntamente com o escritor Assis Brasil, discutem o escritor Campos Leão, aliás, Qorpo Santo” (ESTEVES, 2010, p.153), tal como acontece com o professor Campos Leão que discute o dramaturgo

Qorpo Santo, assim firmando-se esse romance como uma obra metaficcional.

Histórias literárias: um olhar regional sobre Assis Brasil

O Rio Grande do Sul possui um sistema literário próprio. Entende-se este sistema a partir do conceito de Candido (2010), que consiste na articulação de autores, obras e público (tríade "autor-obra-público") gerando, desta forma, uma tradição, que, conseqüentemente, promove a continuidade, garantindo a permanente produção literária - neste caso regional, associada também a outros elementos culturais. Observando as histórias literárias de Regina Zilberman (1982), *A literatura no Rio Grande do Sul*, e de Luís Augusto Fischer (2004), *Literatura gaúcha*, ambas voltadas para os autores e obras regionais, percebe-se este sistema literário consolidado, gerando a tradição necessária para sua caracterização.

Na *Literatura gaúcha*, de Fischer (2004), Assis Brasil tem pouco destaque, justificável devido ao foco da obra, que é na formação da literatura gaúcha, portanto não há grande enfoque à individualidade dos escritores (apenas Erico Verissimo tem um capítulo somente para ele). Desta forma, a menção ao nome de Assis Brasil é feita no capítulo treze, "Anos 1960 e 1970: a literatura durante a Ditadura", e no capítulo final, "Anos 1980 e 90: muita literatura média, mas alguma boa ousadia".

No capítulo "Anos 1960 e 1970: a literatura durante a Ditadura", Assis Brasil é citado juntamente com autores como

Moacyr Scliar, Tabajara Ruas e Josué Guimarães, pois segundo Fischer (2004) estes são escritores que produzem romances históricos. Relevante destacar que, para o historiador, Assis Brasil é tido como o mais notável do grupo:

O mais notável deste grupo é Luiz Antonio de Assis Brasil (1945), que, desde o primeiro romance, *Um quarto de légua em quadro* (1976), até agora, com exceção de uma novela, traça suas cativantes histórias com fios do passado sulino. Não gosta de ser classificado como autor de romance histórico, por bons motivos e com bons argumentos - ele é professor de Letras, afinal, e conduz há vários anos uma oficina de criação literária de grande prestígio - mas é certo que, do ângulo crítico, quando acerta em cheio (como em *As virtudes da casa*, 1985) e quando nem tanto (no romance esquemático que tematiza a vida de Qorpo-Santo, *Cães da província*, 1987), é praticamente deste subgênero narrativo, afeiçoando-se ao desenho dos grandes painéis, alguma vez atravessando gerações (como na série *Um castelo no pampa*, da década de 1990), sempre em abordagem realista, ainda que mantenha atenção para os estados de alma dos personagens, mas que para cenas de ação. (FISCHER, 2004, p.120-121)

No capítulo final, no qual Assis Brasil é também referido, o autor aponta alguns nomes que produziram obras, segundo ele, significativas neste período e ele às divide, em sua escrita, por gênero literário:

Agora a narrativa. O que tem de gente publicando conto, novela e mesmo romance é um grandeza. Isso é maravilhoso, revela maturidade do sistema, renova o ar e contribui para a civilização geral. Naturalmente não vamos citar a todos, mas é possível um pequeno

esforço por tentar discernir, no conjunto, algumas tendências. (Mais uma vez: é uma leitura de contemporâneo, de forma que o horizonte crítico é limitado). (FISCHER, 2004, p.136)

Muitos destes escritores aos quais Fischer se refere são originários da oficina de criação literária de Assis Brasil. Por isso antes de referir-se à obra deste autor, Fischer cita a importância da oficina de Assis Brasil que influenciou a boa escrita de escritores como Leticia Wierzchowski, Cíntia Moscovich e tantos outros. Quanto se refere à obra de Assis Brasil, Fischer o coloca ao lado de Cyro Martins, Josué Guimarães e Sérgio Faraco e os compara a Erico Verissimo. O estudioso acrescenta que há uma “ousadia narrativa” na obra desses autores, que tentam superar uma antiga tradição de romances históricos sul-rio-grandenses.

Ao final da obra de Fischer existem três anexos, dos quais Assis Brasil aparece em dois. No primeiro anexo, o “Mapa geral da narrativa gaúcha”, ele é o primeiro nome da lista dos autores mais representativos da literatura gaúcha entre 1960 e 1980. No terceiro anexo, “Quadro contrastivo sumário entre a literatura brasileira e a gaúcha”, Assis Brasil aparece como o segundo nome, antecedido por Josué Guimarães, referente à produção do novo romance histórico no período entre 1970 e 1990.

Na obra de Regina Zilberman (1982), o romancista Assis Brasil aparece no capítulo “VI. História e política no romance moderno”, nos seus dois subcapítulos “A colonização” e “Eventos históricos e reflexos políticos”. Neste capítulo, a autora lembra a Guerra dos Farrapos como um importante evento histórico que forneceu

material para romances, inclusive citando o romance *A prole do corvo*, publicado em 1978, de Assis Brasil. No subcapítulo “A colonização”, o primeiro romance de Assis Brasil, *Um quarto de légua em quadro* (1976), é lembrado por Zilberman pelo fato de ter mostrado os anos de formação do Rio Grande do Sul:

Utilizando a forma do diário, o texto apresenta os acontecimentos relacionados à viagem ao Brasil e fixação na Província dos casais açorianos que deveriam se constituir nos propulsores da conquista do território mais meridional da Colônia. Seu autor fictício é o Dr. Gaspar de Fróis, que acompanha os três momentos da viagem dos colonizadores: de Açores à Ilha de Santa Catarina, testemunhando a travessia do oceano, durante a qual tantos perderam a vida; do Desterro ao porto de Rio Grande, onde os imigrantes deveriam receber as terras prometidas e condições materiais para exercer seu trabalho; de Rio Grande a Viamão, quando são acolhidos por Jerônimo de Ornellas. (ZILBERMAN, 1982, p.94)

A autora expõe a história da narrativa e em seguida faz uma análise crítica sobre a mesma, dando amplo espaço à obra de Assis Brasil, ficando evidente que, na perspectiva de Zilberman, este se trata de um fundamental escritor da literatura do Rio Grande do Sul. No subcapítulo “Eventos históricos e reflexos políticos”, novamente o escritor recebe um amplo espaço, desta vez a obra em foco trata-se do seu segundo romance, *A prole do corvo*, anteriormente mencionado pela autora, porém neste subcapítulo ela faz uma breve análise sobre a obra:

embora B. Gonçalves não seja a personagem principal, ele é o ídolo derrubado de um altar consagrado pela tradição oficial rio-grandense. Em vez da figura exemplar e leal que figura nos textos regionalistas, temos um líder tirânico e muito pouco amado por seus seguidores. É a esta dessacralização que procede o romance, invertendo o modelo heróico corroborado pelo discurso oficial e pelos interesses da classe proprietária, que tinha em Bento Gonçalves o seu grande emblema. (ZILBERMAN, 1982, p.99)

Atribuindo este espaço de destaque em sua obra para Assis Brasil, Zilberman mostra a importância que os seus romances tiveram para a literatura do Rio Grande do Sul, inclusive ela utiliza-se dos dois primeiros romances, sendo possível assim perceber que desde o início de sua produção literária ele já foi capaz de criar grandes e relevantes obras literárias.

Considerações finais

Começando-se esse trajeto com a obra de Picchio (1997), passando por Moises (1993), Bosi (1994), Lajolo (2004), Esteves (2010), Zilberman (1982) e finalizando com Fischer (2004), é possível perceber as diferentes posições que o romancista sul-rio-grandense Assis Brasil ocupa no cânone de cada um desses historiadores.

Optou-se, nesse estudo, por começar pelo olhar historiográfico mais distante do contexto de produção do escritor sul-rio-grandense, ou seja, o estrangeiro de Luciana Stegagno Picchio (1997), a fim de compreender, inicialmente, como Assis Brasil é observado por uma historiadora da literatura brasileira,

mas de nacionalidade italiana. Após dessa, passa-se aos estudos construídos por historiadores brasileiros da literatura brasileira e, por isso, mais próximos do romancista, considerando-se o critério do contexto de produção, e também observa-se uma ordem cronológica de apresentação dos historiadores da literatura estudados. Por fim, observam-se os historiadores que estão debruçados sobre a literatura sul-rio-grandense e que se encontram mais próximos ainda do escritor, uma vez que tal romancista é pensado, no contexto deste trabalho, como um romancista sul-rio-grandense.

Picchio (1997) apenas menciona brevemente Assis Brasil em sua obra, porém por se tratar de uma pesquisadora distante do contexto de produção de Assis Brasil, se faz relevante salientar que ela percebeu a presença de Assis Brasil no cânone nacional. Moisés (1993) coloca a sua obra como de “pulsão inventiva”, e embora delegue pouco destaque a Assis Brasil, faz uma importante comparação ao colocá-lo ao lado de Erico Verissimo, escritor regional que tem espaço garantido no cânone nacional. Outro historiador que se refere ao escritor é Bosi (1994), que não dá amplitude para o romancista, visto que sua obra tem uma proposta de apresentar uma história concisa da literatura produzida no Brasil e, por Assis Brasil não ser um autor que esteja presente, de acordo com o crítico, de forma mais significativa no cânone nacional, ele não tem ênfase. Apontado por Lajolo (2004) como seu “escritor-de-fé”, Assis Brasil marca presença na história desta importante intelectual brasileira. Embora ele não seja amplamente

mencionado, está em um capítulo de destaque, no qual Lajolo coloca seus escritores favoritos. Por fim, Esteves (2010) propõe um enfoque nos romances históricos brasileiros produzidos entre 1975 e 2000. Nesse estudo, Assis Brasil tem amplo destaque, uma vez que este é um romancista que publica grande número de romances históricos no Brasil e começou sua produção em 1976.

Entre as duas histórias literárias de cunho regional, a de Zilberman (1982) é a que mais enfatiza o romancista Assis Brasil, inclusive fazendo exercício de análise crítica dos seus dois primeiros romances. O fato de a obra de Zilberman ter sido publicada originalmente em 1982 a deixa perto da data de publicação destas obras de Assis (a primeira obra publicada em 1976 e a segunda em 1978), mostrando que desde o começo de sua produção o romancista já teve grande espaço no cânone regional.

A obra de Fischer (2004), por ter uma proposta mais voltada a apresentar a formação da literatura do Rio Grande do Sul, não se detém muito nos autores de forma individual e tampouco se preocupa com a crítica das obras, mas ainda assim faz uma breve referência a Assis Brasil, inclusive Fischer é o único, dos aqui historiadores da literatura estudados, a referir a importância do papel da oficina de criação literária, através da qual Assis Brasil influencia inúmeros escritores da nova geração da literatura produzida no Rio Grande do Sul. Relevante por fim é destacar o tom coloquial com o qual é construída a escrita de Fischer, bastante diferente da seriedade acadêmica de Zilberman na outra história literária regional que é observada neste estudo.

Fica perceptível uma diferença na abordagem de Assis Brasil dentro das histórias literárias de cunho nacional e das de cunho regional. Tal diferença ocorre, na verdade, mais em função do recorte escolhido pelo historiador da literatura para escrever suas obras do que por uma questão de esta ser nacional ou regional, pois Esteves (2010), mesmo fazendo um estudo de cunho nacional, dedica amplo espaço para Assis Brasil, uma vez que o recorte que ele faz, por ser mais específico e menor do que o de Bosi (2004), por exemplo, consegue dar um espaço maior ao romancista.

Comparando Zilberman (1982) e Fischer (2004) a relação é semelhante com a que ocorre nas histórias literárias de cunho nacional, pois o recorte de Fischer tem seu foco, conforme já mencionado, na formação literária gaúcha, momento do qual Assis Brasil não fez parte, visto que ele começou sua produção em 1976 quando ela já estava formada - por isso o pouco foco em uma história literária de cunho regional. Já a obra de Zilberman faz amplo exercício crítico de obras produzidas no Rio Grande do Sul, mas sem abandonar seu cunho historiográfico, abrindo um espaço mais amplo ao romancista sul-rio-grandense.

Referências:

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. MOREIRA, Maria Eunice. ZILBERMAN, Regina (Orgs.). *Pequeno dicionário de literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Novo Século, 1999.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. v.1. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

ESTEVES, Antônio R., *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975 - 2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira - v. 5 Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1993.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.